

Gira e gira a bola



Gira e gira a bola, os pés, as mãos e o corpo que de tudo faz para alcançar a bola, a vitória. São muitos, mais de uma centena e meia, os jogadores... Uns com meio palmo, outros com palmo e meio. Sob o olhar da mascote, correm pelo campo, enquanto a ordem não chega para os orientar.

Os olhares paternais não desgrudam, observam a organização dos seus rebentos, com orgulho e risadas, nada embaraçados com a falta de jeito dos miúdos.

O mar de branco começa a amontoar-se, a população de metro e meio é mais do que muita e o ruído de vozes não permite compreensão, nem mesmo conversação. Típico, todos juntos só querem é algazarra e confusão.

Os orientadores, organizadores e professores tentam a todo o custo se fazer ouvir, mas só o microfone e a voz de comando é que o foi conseguindo. Já os mais velhitos, jogadores das equipas locais, teriam a tarefa de organizar e arbitrar os jogos. Para o bem ou para o mal, os resultados também seriam da sua responsabilidade. Aqui o apito não é dourado!

Calado e com um sorriso nos lábios, o Lukkas observa os seus mais novos aprendizes, nada preocupado com resultados ou “severos” campeonatos.

Foi com rapidez que o mar branco logo azul ficou. De um momento para o outro, o som do bater das bolas no chão, das mãos a bater nas bolas, começou a ecoar em surdina. O apito vermelho não deu tréguas e, de cinco e cinco minutos, abafava o som em todo o pavilhão. Até o Lukkas foi tombando levemente!

Os graúdos percorriam todo o pavilhão, de campo a campo, a fornecer dicas aos seus jogadores. Aos poucos e poucos, os campos foram ficando vazios, com o término das rodadas.

Os pais não aguentaram ficar nas bancadas, num ápice já lateralizavam o pavilhão, a fim de poderem estar mais perto do seu rebento. Toda a confusão era engraçada e “saudável”!

Mas há jogadores e jogadores, os seus feitios competitivos ou os “deixa andar”, bem como os “isto não me interessa”, com os “eu sou o melhor”, revelam-se. Os miúdos em grupo revelam personalidades distintas, com o Lukkas nada apreensivo ou sequer surpreendido com o que observava.

- Estou na final! – foi-se ouvindo algumas vezes.

- O que vou ganhar de prémio? – interessavam-se outros, especialmente os rapazes mais reguilas.

Com barras de cereais e água (afinal há que ser-se saudável), os jogadores foram-se alimentando, sem que parassem com a algazarra e as correrias. Afinal, estavam a exercitar-se, não podiam ter as pilhas recarregadas.

Quando os quartos de final chegaram, também o descontentamento de muitos surgiu, com os escolhidos a oferecerem um novo espectáculo ao público. Dezasseis equipas guerrearam por um lugar ao sol, com os árbitros ansiosos por poderem ajudar! Alguns pais também tentam ajudar os filhos, afinal o seu rebento tem de chegar à final.

Depois vieram as meias-finais, com muitos pais a olharem com ansiedade para o ponteiro que mal se movia. Mas estava quase a revelar-se a dupla escolhida, quase, quase...

Há que dar as últimas dias, os últimos retoques nas jogadas nada ensaiadas, e o final achegava-se. Está a acabar o tempo, o apito aproxima-se do sopro e... as meias-finais terminam.

Com o alcançar da final, também a confusão dos pais quererem ir embora e os filhos não chegava suavemente. É a voz do apresentador que vai interrompendo o burburinho da multidão.

E a final chega ao som do estridente apito, que o apresentador não larga um só segundo. Com o mar azul a aglomerar-se ao centro, com o apresentador e os professores a destacarem-se na frente do Lukkas. Chega a hora de anunciar as 5 duplas masculinas destacadas no pódio, bem como as cinco femininas. A presença da Vereadora da Câmara com elegância, com os elementos de t-shirt azul foram colocando-se em fila, para com orgulho e vergonha receberem a medalha e o beijo da praxe da Vereadora. De diplomas e revistas na mão, os jogadores viveram uma manhã com bastante animação, onde o banzé e a boa-disposição sempre presente, sem que o Lukkas os deixasse desanimar um só segundo.

Autora Ana Neves, 25 de Abril 2013